

Panorama

UFCSPA

A ciência na Federal da Saúde

pp. 4 e 5

A partir desta edição, o Panorama UFCSPA entra em uma nova fase, assumindo uma nova identidade como veículo de divulgação da ciência e da cultura científica. Esta transformação visa ampliar a visibilidade dos conhecimentos desenvolvidos na Federal da Saúde e incentivar a comunidade acadêmica a compartilhar seus trabalhos.

**Pesquisa compara
estratégias de
transfusões sanguíneas**
p. 4

**Saúde mental e trabalho:
o que explica tantos
afastamentos?**
p. 5

**Egresso apresenta novos
modelos de ensaios
clínicos randomizados**
pp. 6 e 7

**O potencial da
América Latina para a
genômica psiquiátrica**
p. 9

PANORAMA UFCSA

Jornalismo
Camila Guimarães Cunha
Janine Bargas
José Antônio Leal
Márcia Schmitt Veronezi Cappellari

Jornalismo em Cultura
Lisiane Wandscheer

Fotos
Luciano Amaro Junqueira Valério

Projeto Gráfico e Diagramação
Eduardo Coimbra Farias

Panorama de cara nova!

Caro leitor,

O Panorama UFCSA inicia uma nova fase a partir desta edição. O jornal da Federal da Saúde está de cara nova e com um propósito renovado: a partir de agora, o foco de uma das principais publicações da universidade será exclusivamente a divulgação científica.

Esta mudança representa um importante passo para dar visibilidade ao que é feito na instituição e à sua própria comunidade. Ao mesmo tempo, queremos estimular nossos acadêmicos a compartilharem seus trabalhos por meio das mídias institucionais, ampliando o alcance e o impacto do conhecimento produzido na UFCSA.

Nesta edição trazemos alguns assuntos científicos que envolveram os pesquisadores da universidade nos últimos meses. Apresentamos uma pesquisa que compara diferentes estratégias de transfusão de

sangue e seus impactos em pacientes neurocríticos, com desdobramentos na prática clínica. Abordamos também o expressivo aumento de afastamentos por doenças psicossociais no Brasil e sua relação com a saúde mental no ambiente de trabalho.

Destacamos ainda a contribuição de pesquisadores da UFCSA em um estudo publicado na revista Nature Genetics sobre a importância da América Latina para a genômica psiquiátrica. Outra matéria aborda os novos modelos de ensaios clínicos, mais eficientes e diversos, propostos por um egresso da instituição.

As matérias desta e das próximas edições do Panorama irão mostrar alguns dos tantos exemplos de como a pesquisa desenvolvida na Federal da Saúde faz a diferença para além dos seus muros.

Aproveite a leitura!

**Equipe da Assessoria de
Comunicação da UFCSA**



IMAGEM: FREEPIK

Saúde Digital na UFCSA: Possibilidades e desafios da tecnologia aplicada à saúde

Por Isabel Siqueira, Juliana Herbert e Sílvio Cazella*

O termo saúde digital abrange um conjunto amplo de conceitos científicos e tecnologias, incluindo genômica, inteligência artificial, visualização analítica de dados, dispositivos vestíveis inteligentes, internet das coisas, entre outros. Em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu uma taxonomia detalhada da Saúde Digital, indicando a classificação de intervenções para as quais as tecnologias digitais e móveis estão sendo usadas para dar suporte às necessidades do sistema de saúde. As professoras Isabel Siqueira e Juliana Herbert e o professor Sílvio Cazella, que atuam no curso de Informática Biomédica, no PPG em Tecnologias da Informação e Gestão em Saúde e no Núcleo de Saúde Digital da UFCSA, estão participando de pesquisas em Saúde Digital e compartilham, a seguir, algumas das iniciativas em que estão envolvidos.

Inteligência Artificial e Ciência de Dados em Saúde: UFCSA presente no projeto CIARS – Centro de Inteligência Artificial aplicada à Saúde

A professora Isabel Siqueira e o professor Sílvio Cazella, juntamente com mais 42 pesquisadores, sendo 10 universidades, quatro empresas e quatro hospitais, integram a rede CIARS, fomentado pela Fapergs. O objetivo do CIARS é o desenvolvimento de soluções para problemas enfrentados na gerência e análise de dados oriundos do sistema de saúde no RS.

Considerando a expertise da professora Isabel, na área de visualização analítica de dados, e do professor Sílvio, na área de IA aplicada à saúde, algumas das pesquisas que estão sendo realizadas são:

- Investigação de padrões epidemiológicos em oncologia pediátrica a partir de integração e visualização de dados em parceria com o Instituto do Câncer Infantil e com a Secretaria Municipal de Saúde de POA;
- Desenvolvimento de um jogo sério digital, baseado em narrativa e em visualização de dados espaço-temporais, para auxiliar o desenvolvimento de habilidades e competências em estudantes e profissionais da área da gestão de saúde de doenças infectocontagiosas;
- Análise e monitoramento de casos e vetores da dengue na região dos vales através da visualização analítica de dados espaço-temporais;
- Centro de inovação em IA aplicada à saúde;
- CNSOOP: proposta de ontologia de domínio para a visualização sistemática de pacientes pediátricos com tumores do Sistema Nervoso Central;
- Aprendizado de máquina supervisionado na classificação automática de diagnósticos em prontuários médicos da cardiologia.

Sustentabilidade na engenharia de software biomédico

A professora Juliana Herbert

lidera uma iniciativa que coloca a sustentabilidade como requisito essencial no desenvolvimento de software em saúde digital. O projeto "Modelo de Sustentabilidade na Engenharia de Software Biomédico" propõe um modelo inovador para incorporar e avaliar critérios sustentáveis ao longo do ciclo de vida desses sistemas.

Com a participação dos professores Isabel Siqueira e Sílvio Cazella, e da Renata Galante (UFRGS), a proposta considera cinco dimensões fundamentais: eficiência energética (sustentabilidade ambiental), impactos sociais sobre comunidades (sustentabilidade social), efeitos sobre os indivíduos e inclusão digital (sustentabilidade individual), viabilidade financeira a longo prazo (sustentabilidade econômica) e durabilidade e adaptabilidade técnica dos sistemas (sustentabilidade técnica).

Entre os objetivos, destaca-se o desenvolvimento de uma plataforma digital para apoiar a escolha de critérios sustentáveis, com base em evidências científicas, considerando os ODS da Agenda 2030, o domínio, o público-alvo e o contexto de aplicação. Ao integrar esses critérios de forma sistemática e superar a fragmentação de iniciativas existentes, a professora Juliana insere a UFCSA na pesquisa em saúde digital sustentável, promovendo soluções que respeitam as pessoas, o meio ambiente e o futuro. ■

*Artigo de autoria dos docentes



Pesquisa compara estratégias de transfusão sobre desfechos funcionais em pacientes neurocríticos

A professora da UFCSPA Carla Bittencourt Rynkowski é coautora de estudo publicado no JAMA sobre os níveis de hemoglobina em pacientes neurocríticos

Por José Leal

Qual é o nível de hemoglobina seguro para que pacientes com traumatismo cranioencefálico e hemorragia cerebral tenham menos sequelas? Para responder esta pergunta, a professora da UFCSPA Carla Bittencourt Rynkowski, em coautoria com pesquisadores de 22 países, conduziu uma pesquisa que avaliou o impacto de duas estratégias de transfusão de sangue - uma abordagem "liberal", com transfusões mais frequentes, e uma abordagem "restritiva", com menos transfusões.

"A transfusão de sangue é uma prática comum no cuidado intensivo desses pacientes, mas até então, não se tinha uma recomendação com nível de evidência robusto sobre limites seguros para se manter o paciente neurocrítico", contextualiza a pesquisadora. Para ampliar o conhecimento a respeito desses níveis, foi realizado um ensaio clínico randomizado - o padrão-ouro em pesquisas clínicas - durante cinco anos com a participação de 820 pacientes em unidades de terapias intensivas.

A amostra tinha a média de idade de 51 anos, sendo metade dos participantes mulheres. Os pacientes foram randomizados para receberem uma estratégia liberal de transfusão ou restritiva - em média, pacientes do grupo liberal receberam 2 unidades de concentrado de hemáceas, enquanto o grupo restritivo não precisou ser transfundido. Segundo Carla, o estudo foi em grande parte viabilizado pela contribuição do Hospital Cristo Redentor, que incluiu o maior número de pacientes entre as 72 unidades de terapia intensiva participantes.

Para atingir uma quantidade adequada de participantes na pesquisa, durante o período de participação no estudo a equipe realizava uma busca ativa diária para identificar pacientes que preenchiam os critérios de inclusão e não apresentavam critérios de exclusão. "Após essa verificação, obtínhamos o termo de consentimento e, então, fazíamos a randomização, garantindo que os grupos ficassem equilibrados



FOTO: NAYANA MAGALHÃES/ GOV. AMAPÁ

em fatores como gênero, idade e patologias", detalha.

Após 180 dias de acompanhamento, os pesquisadores observaram uma diferença significativa nos desfechos neurológicos entre os dois grupos. Enquanto 72,6% dos pacientes da estratégia restritiva apresentaram desfechos desfavoráveis, este valor foi de 62,6% no grupo liberal. Além disso, os pacientes que receberam mais transfusões apresentaram uma menor incidência de eventos isquêmicos cerebrais (8,8% contra 13,5% no grupo restritivo).

A professora Carla Rynkowski explica que o estudo fornece evidências sólidas sobre a importância de manter níveis mais elevados de hemoglobina em pacientes neurocríticos. "O estudo avalia especificamente se, para pacientes com hemorragia intracerebral ou traumatismo craniano, é melhor mantê-los com uma hemoglobina no nível menor seguro ou se eles devem ficar com valores um pouco mais altos", detalha.

Até o momento, ela acrescenta, os estudos realizados nessa área não conseguiam provar de forma conclusiva qual o melhor nível de hemoglobina a ser mantido. "Depois de muitas pesquisas, esta foi a primeira que demonstrou, com a melhor evidência

científica disponível, que manter a hemoglobina mais elevada nesses pacientes reduziu as chances de sequelas e fez com que ficassem funcionalmente menos dependentes", explica.

Os resultados do estudo, aponta a professora, são capazes de justificar uma mudança na prática médica. "Entretanto, os hospitais precisam discutir localmente com seu banco de sangue quais serão as estratégias de implantação no formato de protocolo institucional", ressalva.

Carla salienta a importância de reconhecer o valor dos resultados obtidos, considerando os desafios da pesquisa no Brasil, especialmente em estudos sem financiamento como foi neste caso. "Em nosso grupo não há exclusivamente pesquisadores. Nós atuamos também como assistencialistas e, mesmo assim, conseguimos completar os dados de uma pesquisa prolongada com muita responsabilidade e resiliência

"Este trabalho é um marco, já que muitas pesquisas nessa área costumam ter resultados neutros. Nos orgulha saber que nosso hospital foi o maior contribuidor, dado o volume de pacientes. Esperamos que agora nossos centros ganhem mais reconhecimento pela sua capacidade de produzir ciência", acrescenta a professora. ■



Recorde de afastamentos por doenças psicossociais preocupa especialistas

Professoras da UFCSPA analisam causas para o aumento no cenário nacional de transtornos mentais relacionados ao trabalho

Por José Leal

O Brasil registrou um recorde alarmante de quase 500 mil afastamentos do trabalho por transtornos mentais em 2024, segundo dados divulgados pelo Ministério da Previdência Social. No Rio Grande do Sul, foram mais de 37 mil casos, com quase metade relacionados à depressão e ansiedade. Esse cenário levanta questões sobre as causas do adoecimento psicossocial no ambiente de trabalho e as possíveis alternativas para promover o bem-estar dos trabalhadores.

Ana Vazquez, pró-reitora de Gestão com Pessoas da UFCSPA, e Joana Narvaez, professora do curso de Psicologia, destacam que o adoecimento psicossocial não pode ser visto apenas como uma condição individual, mas como consequência de aspectos sociais mais amplos. "Precisamos falar das transformações sociais no mundo em termos de guerras, insegurança alimentar, fome, exploração de recursos sem precedentes", afirmam as especialistas.

As professoras também ressaltam a importância de considerar as mudanças nas relações interpessoais, os eventos climáticos globais e o impacto da pandemia de COVID-19. "Cada uma dessas transformações afetam o modo como nós pensamos o futuro e a esperança ou falta dela no que diz respeito a qualidade da nossa vida, no trabalho ou fora dele", explicam.

Para enfrentar esse desafio, as organizações têm um papel fundamental. Vazquez e Narvaez recomendam que empresas invistam na saúde laboral

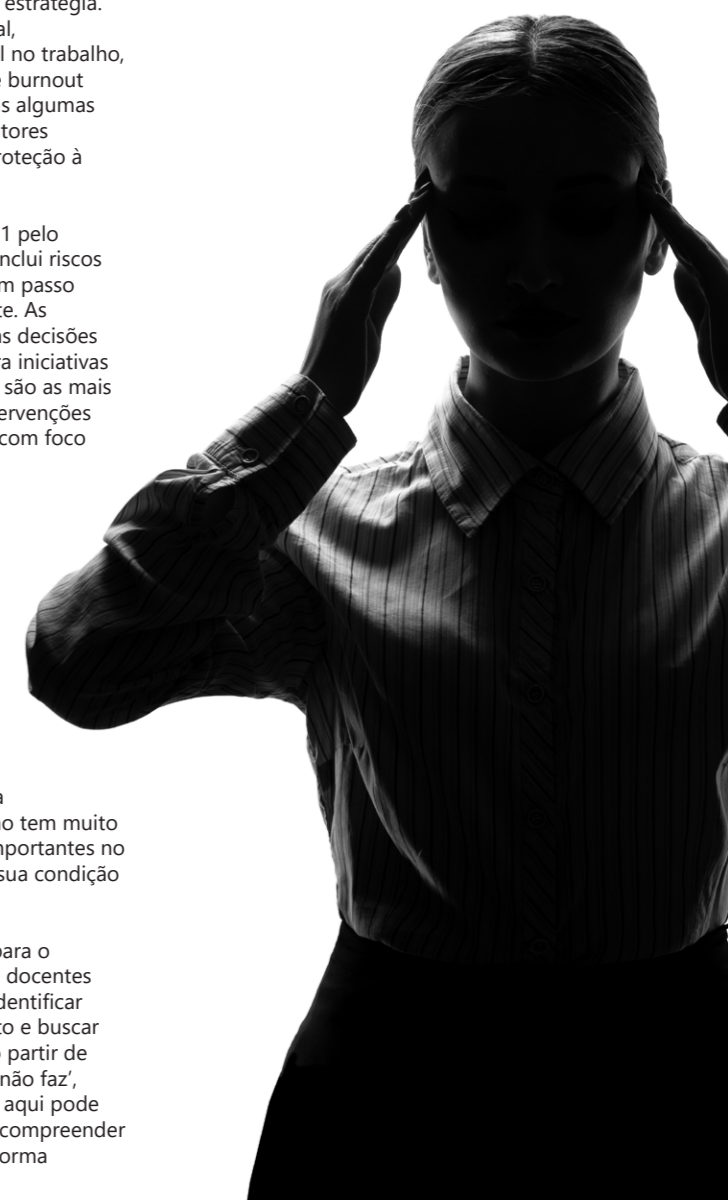
como aspecto central da sua estratégia. "Diagnóstico de saúde laboral, compliance em saúde mental no trabalho, monitores de engajamento e burnout dos trabalhadores são apenas algumas ferramentas para medir os fatores psicossociais de risco e de proteção à saúde laboral", sugerem.

A recente atualização da NR 1 pelo Ministério do Trabalho, que inclui riscos psicossociais, é vista como um passo necessário, mas não suficiente. As professoras enfatizam que "as decisões adaptativas e as voltadas para iniciativas de engajamento no trabalho são as mais promissoras, seguidas de intervenções em saúde, especialmente as com foco na psicologia positiva".

Um dado preocupante é a maior frequência de afastamentos entre as mulheres, que representam 64% dos casos. As especialistas apontam fatores como desigualdade salarial, falta de oportunidades e violência contra a mulher como possíveis explicações. "O viés da forma como é percebida no trabalho tem muito potencial de fechar portas importantes no trabalho simplesmente pela sua condição de ser mulher", alertam.

Quanto aos sinais de alerta para o adoecimento psicossocial, as docentes ressaltam a importância de identificar mudanças no comportamento e buscar orientação profissional: "Não partir de mitos, como 'quem ameaça, não faz', ou 'mudou porque acha que aqui pode fazer o que quiser', e buscar compreender de verdade cada pessoa de forma diferenciada".

Por fim, as professoras enfatizam a necessidade de uma abordagem proativa para criar ambientes de trabalho saudáveis: "Cada um de nós pode buscar ferramentas para promover um ambiente de trabalho agradável, com atitude compassiva e que seja um espaço de segurança nos relacionamentos". ■



A íntegra da entrevista com as professoras Ana Vazquez e Joana Narvaez pode ser acessada aqui:





Novos modelos de ensaios clínicos podem ampliar a eficiência das pesquisas em saúde

Egresso da UFCSPA Otávio Berwanger abordou a temática em Aula Magna do Imperial College London

Por José Leal

Considerados os modelos mais precisos e confiáveis para a pesquisa em saúde, os ensaios clínicos randomizados podem apresentar altos custos e grande complexidade em sua execução. Para enfrentar esses obstáculos e viabilizar o estudo de novos tratamentos e sua efetividade, o egresso da UFCSPA, Otávio Berwanger, propõe a aplicação de modelos inovadores mais baratos, rápidos e diversos, com a articulação de instituições científicas em nível internacional.

Formado pelo curso de Medicina da então Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre em 2001, Otávio é o atual diretor executivo do The George Institute for Global Health e titular da cátedra de Ensaios Clínicos no Imperial College London. Foi na Aula Magna da instituição britânica, ocorrida no mês de março, que o ex-aluno da UFCSPA apresentou uma visão propositiva para o futuro dos ensaios clínicos, defendendo uma abordagem colaborativa e global para enfrentar os desafios atuais desse modelo de pesquisa.

De acordo com o professor, os ensaios clínicos randomizados

tradicionais enfrentam três grandes problemas que comprometem sua eficiência e aplicabilidade. O primeiro deles é o aumento da complexidade ao longo dos anos, o que resulta em custos elevados e dificuldades na execução. “Os ensaios clínicos estão cada vez mais complicados, com mais procedimentos, mais critérios de elegibilidade e mais desfechos sendo avaliados”, detalhou.

Para ilustrar essa realidade, ele mencionou uma revisão sistemática de quase 10 mil ensaios clínicos conduzidos ao longo de duas décadas, que revelou um aumento de 70% no número total de procedimentos, como triagem, recrutamento, avaliações, número de desfechos e critérios de elegibilidade. “Esse crescimento não necessariamente melhora a qualidade científica. Muitas vezes, apenas torna os estudos mais caros e difíceis de realizar”, pontuou.

O segundo problema destacado pelo professor é a falta de diversidade entre os participantes dos ensaios clínicos. “Hoje, cerca de 70% dos participantes são homens brancos caucasianos, o que não reflete a realidade epidemiológica global”, afirmou Berwanger. Ele enfatizou que a falta de representatividade afeta

diretamente a validade externa dos estudos e limita sua aplicabilidade em populações diversas.

“Precisamos incluir mais pacientes de países de baixa e média renda, onde está concentrada a maior parte da carga global de doenças crônicas. Existe uma razão de mercado para acontecer o contrário, mas cientificamente isso está errado.”, argumentou.

O terceiro grande problema mencionado por Berwanger é a inconveniência para os participantes dos ensaios clínicos. “Em média, um paciente precisa viajar cerca de 100 quilômetros para chegar ao local do estudo, o que definitivamente não é conveniente”, destacou. Além disso, chamou atenção para o impacto ambiental dos ensaios tradicionais: “Quanto mais complexo for o estudo, maior será sua pegada de carbono”.

Berwanger trouxe o exemplo do estudo FOURIER, realizado há mais de uma década, que envolveu mais de 27 mil pacientes com alto risco cardiovascular para avaliar a eficácia do evolocumabe, um anticorpo monoclonal com capacidade para reduzir o colesterol LDL. O estudo obteve sucesso do ponto de vista científico, atingindo seus desfechos

primários e secundários, com a publicação de resultados no New England Journal of Medicine e a aprovação global do medicamento. No entanto, o custo do ensaio foi de 1 bilhão de dólares.

“Se esse mesmo estudo fosse realizado hoje, custaria mais de 2 bilhões”, projetou. Ele destacou que, embora cientificamente robusto, um modelo tão caro é economicamente insustentável. “O vice-presidente da empresa patrocinadora afirmou que não haverá um FOURIER-2 porque é impossível obter retorno sobre um investimento dessa magnitude”, relatou. Para Berwanger, esse exemplo reforça a urgência de repensar os modelos tradicionais de ensaios clínicos para torná-los mais viáveis financeiramente e acessíveis globalmente.

Para tanto, o pesquisador defende a adoção de abordagens mais pragmáticas e simples para estudos em larga escala: “Precisamos simplificar processos, reduzir custos e aumentar a eficiência dos estudos, mantendo a qualidade científica”. Ele destacou que o uso de dados coletados rotineiramente pode ser uma ferramenta poderosa para melhorar a eficiência dos ensaios. Esses dados, provenientes de registros médicos digitais e sistemas de saúde, permitem rastrear e recrutar pacientes de forma mais ágil, além de reduzir a carga administrativa sobre os centros de pesquisa. “Com essa abordagem, podemos diminuir os custos, aumentar as taxas de recrutamento e melhorar a aplicabilidade dos resultados para o mundo real”, defendeu.

Outro ponto apresentado é

o potencial dos ensaios descentralizados e virtuais. Ele destacou que essa abordagem coloca o paciente no centro do processo, eliminando barreiras geográficas e logísticas. “Em vez de os pacientes precisarem se adaptar ao ensaio, o ensaio se adapta ao paciente”, ressaltou. Berwanger citou exemplos como o estudo Time, realizado no Reino Unido, que recrutou 21 mil pacientes de maneira eficiente e virtual. Além disso, mencionou o uso de dispositivos vestíveis e plataformas digitais para coleta remota de dados como ferramentas que podem enriquecer os ensaios descentralizados.

Berwanger também enfatizou a importância do envolvimento direto dos pacientes e do público no processo de pesquisa. “Devemos envolver os pacientes

mais ativamente em termos de desenhar e conduzir o ensaio, como parte das equipes e até mesmo como co-investigadores”, propôs. Para ele, essa abordagem não apenas fortalece a confiança na ciência, mas também combate a disseminação de fake news ao engajar os próprios participantes nos resultados obtidos.

Por fim, Berwanger concluiu sua palestra com uma visão ambiciosa: “Por que não modelos de ensaios gigantes simples? Ensaios com milhões de pacientes globalmente, com poucos ou nenhum critério de elegibilidade”. O egresso da UFCSPA incentivou a comunidade científica a pensar grande, manter a curiosidade e ser ousada: “Ensaios clínicos eficientes, centrados no paciente e utilizando diferentes inovações, são uma realidade que veio para ficar”. ■





As obras escritas pela professora Ana Carolina da Costa e Fonseca se destacam na crônica e na literatura infantil

Por Camila Guimarães Cunha

O ano de 2024 marcou a carreira e a vida da professora Ana Carolina da Costa e Fonseca, finalista e/ou vencedora em seis diferentes premiações de literatura e que teve uma das suas crônicas publicada em antologia da Associação Gaúcha de Escritores (AGES). Em conversa com a Assessoria de Comunicação da UFCSPA, a professora, que se destaca na crônica e na literatura infantil, fala sobre sua trajetória literária e como foram determinantes algumas passagens de sua vida, como um importante estímulo na infância e o nascimento do seu filho, há seis anos.

UFCSPA - Professora, pode nos passar um breve histórico da sua relação com a escrita?

Profa. Ana Fonseca - Eu escrevo desde criança. Escrevi o primeiro livro com 8 ou 9 anos. Eu fiz uma oficina de confecção de livros na Biblioteca Lucília Minssen, quando ela ainda ficava em um prédio em frente à Santa Casa. Eu escrevi a história e fiz o livro, as ilustrações. Tudo! Era um livro com abas, escrito à mão. Foi uma experiência inesquecível que, ao longo dos anos, forjou a escritora que sou hoje.

Quando eu entrei na Faculdade de Direito da UFRGS, no início dos anos 1990, comecei a escrever textos acadêmicos. Eu tive bolsas de iniciação científica e publiquei alguns artigos de divulgação também. Continuei lendo muito e lembro de usar exemplos literários para ilustrar trabalhos acadêmicos, mas fiquei alguns anos sem escrever literatura. Quando eu já estava no mestrado, entrei no grupo de escrita

criativa do Charles Kiefer e deixei a escritora aflorar novamente. Durante o doutorado, cheguei a publicar e traduzir alguns contos, publiquei também um livro de contos. E seguí publicando artigos acadêmicos sobre temas de Filosofia.

Os anos se passaram, eu me tornei professora de Filosofia na UFCSPA, criei e dirigi a Editora da UFCSPA por seis anos, período durante o qual editei e publiquei 45 livros. Durante a pandemia, criei e sigo coordenando com a professora Claudia Bica o Castelinho de Livros, que já publicou mais de 40 livros para crianças e adolescentes sobre temas de saúde e humanidades. Todos estão disponíveis para download gratuito.

Mas o decisivo para minha nova fase como escritora foi o nascimento do meu filho, Arthur, há seis anos. Já durante a gravidez, comecei a comprar para ele livros infantis que eu gostaria de ter tido quando criança e outros mais. Quando ele nasceu, comecei a ler para ele. Um por um. Eu leio com meu filho todas as noites, sempre mais de um livro por noite. Às vezes, chego a ler dez livros em uma noite. Nossa biblioteca de literatura infantil já tem mais de 3 mil livros. Em certo momento, tive vontade de contar minhas próprias histórias para ele. O resultado disso? Já publiquei oito livros infantis e tem

mais alguns que serão publicados em breve. Acabei mergulhando tanto no universo da literatura infantil, que, movida pelo desejo constante de aprender, fiz uma pós-graduação lato sensu na área.

Com minhas palavras, fui finalista e ganhei alguns prêmios literários importantes. Perdi a conta do total de livros que escrevi, organizei, editei e participei como co-autora, mas são, certamente, mais de cem livros publicados. E tem mais a caminho!

UFCSPA - Numa ocasião anterior, você ressaltou que “a literatura destaca cada vez mais a diversidade humana em suas muitas formas de expressão”. Nos fale mais sobre isso e como sua escrita atua nessa direção?

Profa. Ana Fonseca - Cada vez mais, reconhecemos a diversidade humana e a pluralidade da diversidade. Somos diferentes de muitos modos. Que bom que somos assim! E que bom que a diversidade está se apresentando ao mundo também pela arte, o que inclui a literatura. Não esperamos mais que as pessoas sejam de um certo modo. Ou, ao menos, já sabemos que não deveríamos esperar isso. Faz cada vez mais sentido perguntas sobre quem somos, quem são os outros, quem queremos ser, quem os outros querem ser. Existência e

construção se mesclam como nunca! A diversidade não está apenas nas escolas e universidades, com a tal da “inclusão”. Ela está também nas palavras e nas imagens dos livros que são lidos com crianças e adolescentes. Por isso, receber o Prêmio Nelly Novaes Coelho, organizado pela União Brasileira de Escritores, a UBE, e pelo Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP) é tão significativo. “Melro-d’água”, texto que escrevi e que foi vencedor do Prêmio, é escrito seguindo o fluxo de consciência de uma jovem autista, assim como eu. Sua maneira peculiar de ser e pensar está presente não apenas em como ela percebe o mundo, mas, também, na sua escrita. O texto será publicado como livro-ilustrado. Busco, em mim mesma, a voz da escritora, mas faço isso em um contexto favorável, em que minhas palavras reverberam em outras pessoas. A percepção do mundo é um movimento de fora para dentro. A escrita é um movimento de dentro para fora. Deixar fluir, sendo quem sou, já é uma possibilidade.

UFCSPA - Quais são suas expectativas e projetos literários para 2025?

Profa. Ana Fonseca - Difícil responder. Expectativa sempre há. Quando eu tiver novidades, conto para vocês! ■

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Lista de participações da Profa. Ana Fonseca em premiações literárias em 2024

VENCEDORA - “Olé” foi uma das vencedoras no concurso de crônicas do Museu do Futebol. A crônica será publicada em um livro.

VENCEDORA - Prêmio Nelly Novaes Coelho – literatura infantil e juvenil – da União Brasileira de Escritores (UBE) pela obra “Melro-d’água”

FINALISTA - “Caramelo”, livro infantil publicado pelo selo Alice, da Editora Bestiário, venceu na categoria infantil, Troféu Carlos Urbim, da Academia Rio-grandense de Letras.

FINALISTA - “Arranha o céu” - finalista no Prêmio Ruth Guimarães de Crônicas, promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE). A crônica foi publicada em uma coletânea organizada pela UBE.

FINALISTA - “Carta a Oneyda Alvarenga” foi finalista no concurso Oneyda Alvarenga de Cartas.

FINALISTA - “Os hóspedes”, livro infantil publicado pelo selo Alice, da Editora Bestiário, foi finalista no Loba Festival.

PUBLICAÇÃO EM ANTOLOGIA - “Amanhã”, crônica, foi publicada na antologia da AGES (Associação Gaúcha de Escritores).



Pesquisa destaca potencial da América Latina para avanços em genômica psiquiátrica

Estudo publicado na revista Nature Genetics, com coautoria de professores da UFCSPA, aponta desafios e oportunidades na inclusão da diversidade genética latino-americana nas pesquisas sobre saúde mental

A genômica psiquiátrica, área que investiga como o DNA influencia o risco de desenvolver transtornos mentais, tem avançado rapidamente nos últimos anos, mas ainda enfrenta barreiras importantes relacionadas à representatividade. É o que mostra um artigo publicado no mês de abril na revista Nature Genetics, com coautoria dos professores da UFCSPA Bruna Santos da Silva e Flávio Milman Shansis, ao lado de pesquisadores de outras instituições brasileiras e internacionais. A pesquisa, uma revisão científica abrangente, examina os principais avanços da genômica psiquiátrica em populações da América Latina e Caribe, destacando os progressos e desafios para que esse campo da ciência seja mais inclusivo, colaborativo e equitativo.

Segundo a professora Bruna, o trabalho reuniu e analisou dados de diversos estudos genéticos já realizados na região, com foco na prevalência dos transtornos psiquiátricos e no impacto da diversidade genética

latino-americana para novas descobertas. “Essas populações têm uma diversidade genética única, resultado de séculos de mistura entre diferentes ancestrais, com indígenas, africanos e europeus. Essa riqueza ainda é pouco representada nos grandes estudos internacionais”, explica. O artigo aponta, por exemplo, que 85% dos participantes dos grandes estudos genômicos em psiquiatria são de origem europeia, revelando a sub-representação de outros grupos populacionais.

Entre os resultados mais expressivos mapeados pela revisão, estão os avanços na compreensão do uso e dependência de substâncias em populações latino-americanas. De acordo com Bruna, “já existem pelo menos dez estudos de larga escala na região que identificaram genes importantes relacionados a essas condições, o que mostra o potencial da América Latina para contribuir com descobertas globais na psiquiatria”. No entanto, a pesquisadora também alerta que ainda há um longo caminho a ser percorrido: “A maioria dessas

pesquisas ainda é realizada com foco em populações que vivem nos Estados Unidos”.

A genômica psiquiátrica ainda é uma área relativamente nova e complexa. Como explica Bruna, trata-se de identificar variações no genoma — o conjunto de todo o material genético de uma pessoa — que possam estar associadas a transtornos como depressão, esquizofrenia e TDAH. “É importante lembrar que essas variações envolvem milhares de genes e não determinam sozinhas se alguém vai desenvolver um transtorno, pois elas interagem com fatores do ambiente, como estresse, estilo de vida e experiências de vida”, ressalta.

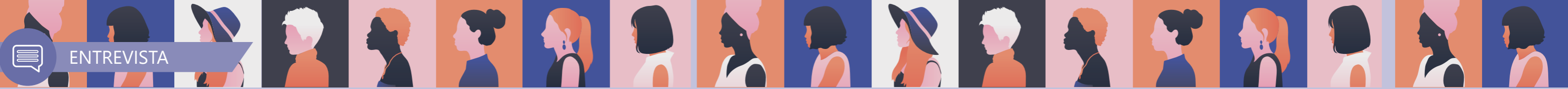
Atualmente, acrescenta a professora, os diagnósticos em psiquiatria ainda são baseados apenas na avaliação clínica dos sintomas, e a escolha do tratamento envolve muitas vezes tentativa e erro. O avanço da ciência genômica pode ajudar a mudar esse cenário. “Busca-se identificar, por meio do DNA, grupos de pacientes com maior propensão a responder, ou não, a determinados tratamentos, o

que permitiria direcionar estratégias terapêuticas mais eficazes para cada perfil”, explica.

Como exemplo, a docente menciona a fluoxetina, amplamente usada no tratamento da depressão: nem todos os pacientes respondem da mesma forma ao remédio, e parte dessa variabilidade pode estar relacionada a fatores genéticos. “Além disso, a identificação de genes envolvidos na variabilidade da resposta terapêutica pode revelar novos alvos biológicos para o desenvolvimento de medicamentos”, complementa Bruna.

Para os professores, a expansão dos estudos genômicos voltados às populações da América Latina é essencial, na medida em que a inclusão de maior diversidade não apenas amplia as chances de descobertas relevantes, mas também contribui para uma ciência mais equitativa. “No caso do Brasil, entender melhor como a genética influencia a saúde mental pode levar a soluções mais eficazes, sensíveis à nossa realidade social e biológica”, destaca. ■





“Há muito a ser feito ainda para diminuir as desigualdades de gênero”

Professora de Antropologia da UFCSPA, Juliana Lopes de Macedo, fala sobre o significado do Dia Internacional da Mulher



Por Márcia Veronezi

Março é conhecido mundialmente como o Mês da Mulher devido às comemorações do Dia Internacional da Mulher, data que possui viés político e social, mas que, nas últimas décadas, tem sido explorada pelo calendário comercial para a venda de flores e bombons. Enquanto a sociedade contemporânea comemora avanços nos direitos das mulheres, as pessoas desse gênero enfrentam ainda violência, desigualdade e preconceito. O Mês da Mulher é uma oportunidade de refletir e avançar nas discussões em busca de equidade e respeito.

Para falar sobre o assunto, o Panorama conversou com a professora de Antropologia da UFCSPA, Juliana Lopes de Macedo. Na entrevista abaixo, ela explica o significado da data, aborda as construções culturais de papéis de gênero e fala sobre feminismo e combate aos feminicídios.

Panorama UFCSPA - Qual o real significado do Dia internacional da mulher?

Professora Juliana Macedo - O Dia Internacional da Mulher é uma data para celebrar as conquistas, a força e a resistência das mulheres na luta por direitos, igualdade e justiça social. Esta data representa também o reconhecimento de que não vivemos em uma sociedade igualitária, que há muito a ser feito ainda para diminuir as desigualdades de gênero. Nas últimas décadas há uma tentativa, bem sucedida, por parte do comércio em se apropriar desta data para comercializar flores

e chocolate, elementos que colocam em destaque a suposta fragilidade, delicadeza e doçura feminina, o que é até contraditório com a data, que representa justamente a força e a luta das mulheres que vieram antes e que virão depois de nós.

P.U. - Como a cultura influencia a construção dos papéis de gênero na sociedade?

Profa. Juliana - Podemos considerar que o sexo é uma definição biológica, porém o gênero é definido a partir da cultura. Desde muito cedo somos moldados para desempenharmos padrões específicos de comportamento de acordo com o sexo de nascimento. Colocamos brincos nas meninas logo após o nascimento, educamos as meninas para serem delicadas, damos bonecas e utensílios de cozinha para elas brincarem, ensinamos como cuidar da casa e como cozinhar. Os meninos, por outro lado, são ensinados a serem vigorosos, intensos, não chorarem, ganham carrinhos, bolas e jogos para brincarem e quando crescem e sabem como cuidar da casa são elogiados, pois isso não é visto como uma obrigação masculina. Por mais que tenhamos diferenças anatômicas e fisiológicas, não nos reduzimos ao ímpeto dos nossos hormônios. Enquanto seres humanos, aprendemos a domar os nossos corpos e nossos instintos. Então a masculinidade e a feminilidade obedecem aos padrões que a sociedade nos informa como adequados e desejados, e não por nossa biologia. Um argumento que me parece muito contundente foi apresentado pela antropóloga norte americana Margaret Mead no livro “Sexo e Temperamento”, de 1935. Nesse livro ela descreve o estudo realizado em três comunidades distintas da Nova Guiné que apresentam três padrões de papéis de gênero distintos: os Arapesh, para os quais homens e mulheres possuíam, igualmente, temperamento gentil, compreensivo, cooperativo e sensível às necessidades dos outros; os Mundugumor, entre os quais homens e mulheres apresentaram comportamento violento, implacável e hostil; e os Tchambuli, para os quais as mulheres eram protagonistas, responsáveis por fornecer alimentos, encarregadas da pesca e da caça e em negociar os produtos excedentes, enquanto os homens possuíam temperamento frágil e se dedicavam à arte. É curioso notar que nenhum desses padrões de comportamento corresponde aos observados na sociedade ocidental.

O argumento central da autora a partir desses achados pode ser resumido da seguinte forma: se os papéis de gênero fossem informados a partir da nossa biologia, não haveria espaço para tamanha diversidade. Dessa forma, as características femininas ou masculinas não são inatas, mas sim, padrões culturais aprendidos e compartilhados de uma geração a outra.

P.U. - Quais avanços sociais e políticos foram conquistados pelas mulheres no último século? Apesar dos avanços, quais desigualdades de gênero ainda persistem?

Profa. Juliana - A luta das mulheres possibilitou o acesso a direitos muito importantes, como o direito de votar (e, mais tardiamente, de ser votada), o trabalho remunerado, a educação, o divórcio. No Brasil podemos destacar a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio como marcos importantes. Mas trabalhamos em jornadas duplas ou triplas, pois acumulamos trabalho remunerado com trabalho doméstico, e temos menor salário, mesmo quando desempenhamos as mesmas funções. Somos vítimas de violências sexual, doméstica e feminicídio pelo simples fato de sermos mulheres. E, no caso brasileiro, nossos corpos e nossos desejos reprodutivos ainda são tutelados pelo Estado. E, embora esteja previsto pelo Código Penal brasileiro, não temos garantia de cumprimento da lei que não pune o aborto de gravidez decorrente de estupro, mesmo quando se trata de meninas (crianças) vítimas de violência sexual, como vimos acontecer no passado recente. Ainda é importante atentar que existem desigualdades específicas, ou que são mais presentes para algumas mulheres do que para outras, quando levamos em consideração as interseccionalidades que nos atravessam (raça, orientação sexual, classe, etc.).

P.U. - Como o feminismo e os movimentos sociais têm influenciado as mudanças culturais em relação às mulheres?

Profa. Juliana - Um aspecto importante dos movimentos sociais e do feminismo é a visibilidade que ele provoca ao pautar determinadas questões. A manutenção do status quo demanda que determinados grupos sociais não tenham o seu potencial de realizações (re)conhecido. Em nossa sociedade, os conhecimentos e as realizações de mulheres, negros, indígenas foram (e muitas vezes, ainda

são) invisibilizados. Os movimentos sociais trazem à tona a contribuição desses grupos para a construção da sociedade, proporcionando reconhecimento e possibilitando que essas pessoas ocupem espaços que antes não lhes pertenciam. É o caso, por exemplo, das mulheres no campo da ciência. Tradicionalmente, o campo científico é dominado por homens, mas aos poucos as mulheres ganham espaço e incentivos para também ocupar esse e outros espaços.

P.U. - Por que ainda temos tantos casos de feminicídio e violência contra a mulher?

Profa. Juliana - É difícil oferecer uma resposta simples para a questão da violência, por ela ser multifatorial e complexa. De forma bastante resumida, podemos considerar que, em primeiro lugar, o patriarcado faz parte da nossa estrutura social e essa estrutura objetiva as mulheres a tal ponto que elas são, muitas vezes, consideradas propriedade de homens (pais, maridos, namorados, etc.). Sendo um objeto, este pode ser descartado, destruído, eliminado caso não cumpra a função proposta por essa sociedade. Além disso, se o machismo faz parte da nossa estrutura social, isso significa reconhecer que ele está, em alguma medida, em todos os lugares, incluindo aqueles que deveriam se ocupar da proteção às vítimas de violência como o sistema judiciário, policial, e até mesmo os profissionais de saúde que acabam reproduzindo em suas práticas essa estrutura. Em se tratando de um tema tão complexo, a solução é multifatorial. Contudo cabe destacar o papel da universidade em incluir essa temática em suas grades curriculares para formar profissionais mais sensíveis e atentos para as violências de gênero.

P.U. - Por fim, qual seria a forma ideal de homenagear as mulheres no dia da mulher?

Profa. Juliana - Eu não tenho a pretensão de falar pelas mulheres, mas não me parece adequado homenagear com flores, bombons ou batom. Não há absolutamente nada de errado em exaltar a feminilidade, mas o Dia Internacional das Mulheres é sobre luta e resistência. Me parece que a homenagem mais apropriada é oferecer reconhecimento, respeito e o engajamento de outros grupos sociais (homens, por exemplo) na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. ■



4^o Congresso UFCSPA

Saúde e Mudanças Climáticas:
Diálogos para um futuro sustentável

09 a 13 de junho de 2025

Acesse a programação em
congresso2025.ufcspa.edu.br

